

Entrevista:
Uma conversa com Ruth Amossy

Alejandra Vitale¹
Ruth Amossy²

AV: Do seu ponto de vista, qual o diálogo disciplinar entre a Retórica e a Análise do discurso?

RA: Sabe-se que, por muito tempo, a Análise do Discurso e a argumentação retórica formaram uma combinação perigosa. Essa foi, sobretudo, a realidade dos anos 1970 e 1980, quando eclodiu a primeira escola de Análise do Discurso de linha francesa, inspirada em Foucault e Althusser e marcada pelos trabalhos de Michel Pêcheux. A concepção de sujeito que prevalecia na época se contrapunha à ideia de um sujeito plenamente senhor de si e das significações. A retórica clássica se apoiava na agência – a ação controlada de um locutor que maneja a arte da linguagem e intervém deliberadamente no real exercendo sua influência sobre o outro. Essa noção torna-se obsoleta e é desmistificada pelas teorias marxistas, psicanalíticas, estruturalistas e outras. Isso explica por que os trabalhos de Chaim Perelman, entre os quais a *Nova Retórica* (no tratado redigido com Lucie Olbrechts-Tyteca), que data de 1958, tenham sido negligenciados por tanto tempo.

Quando comecei a trabalhar com a argumentação retórica enquanto quadro comunicacional, no qual se efetua uma troca visando a adesão do alocutário a uma tese ou visão, já no começo senti falta de uma abordagem linguística apropriada. Perelman era filósofo e tinha mobilizado em seu trabalho elementos de gramática tradicional, cujo uso certamente foi o melhor possível para sua reflexão, mas que não possibilitavam depreender os funcionamentos discursivos em contexto e esclarecer os mecanismos verbais da persuasão. Por isso me voltei para a pragmática, que tomava a linguagem como ação, e para a AD, que estudava não a língua como um sistema, mas o discurso em situação. Estava, então, comprovado que a retórica e as ciências da linguagem contemporâneas eram complementares para compreender a forma como os sujeitos falantes procuram se influenciar mutuamente e constroem através da sua fala uma visão do real e uma concepção do que convém decidir e realizar. Aliás, essa era a direção proposta por Christian Plantin, que cruza retórica (inspirada principalmente em Perelman) e análise das interações verbais. Foi o que eu mesma busquei teorizar, embora mais a partir do discurso do que de interações face a face, na primeira versão da minha obra *L'argumentation dans le discours* (2000), cujo sucesso, a meu ver, deve-se em grande parte à integração em um só conjunto coerente das duas abordagens, até então consideradas distintas ou mesmo incompatíveis.

Sem dúvida, nesse âmbito se reconhece que o poder do verbo é limitado por diversas imposições, contempladas pela retórica à sua maneira. Apontemos, em particular, os gêneros de discurso, em toda sua variedade e complexidade, (além dos gêneros retóricos); ou, ainda, a *doxa* tomada tanto como o saber do senso comum que conduz a linguagem e que

1 Universidad de Buenos Aires.

2 Ruth Amossy é profesora emérita da Universidade de Tel Aviv, onde coordena o grupo de pesquisa ADARR (Análise do Discurso, Argumentação, Retórica). Especialista em literatura e cultura francesas dos séc. XIX e XXI e em Análise do Discurso e Retórica. Publica inúmeros estudos sobre o clichê e o estereótipo e tem investigado, particularmente, as noções de ethos e de polémica.

molda o discurso, independentemente dos sujeitos falantes, quanto como o lugar comum no qual eles podem se encontrar e se identificar. Assim, a fala é concebida ao mesmo tempo como parcialmente determinada pelo discurso social da época e suas evidências, e como um instrumento de ação e de poder. Essa última vertente torna possível a agência retórica que oferece ao indivíduo suas capacidades de intervenção e faz dele um sujeito responsável. Essa relação entre a argumentação retórica e análise do discurso aos poucos se estabilizou e se institucionalizou e hoje a encontramos em construções teóricas variadas.

Vale acrescentar que esse diálogo entre disciplinas foi especialmente frutífero no que diz respeito aos trabalhos desenvolvidos a partir de algumas noções emprestadas da retórica, tais como o *ethos* e o *pathos*. Foram realizados trabalhos de qualidade sobre a construção das emoções no discurso e sobre a construção discursiva do *ethos*, introduzida na AD a princípio por Dominique Maingueneau.

AV: Quais são, de acordo com sua perspectiva, as abordagens epistemológicas sobre a argumentação no discurso e como você pode descrevê-las?

RA: Se retomo algo das premissas que fundamentam minha teoria da argumentação no discurso, poderia insistir sobre os seguintes pontos.

Ela confere ao discurso o poder de construir o real. Longe de ver na linguagem o reflexo de uma realidade pré-existente e a expressão de uma identidade pré-formada, essa abordagem reúne todas aquelas que, nas ciências humanas e sociais, insistem sobre o fato de que a identidade, as relações humanas, o acontecimento, etc... se constroem na utilização da linguagem e na troca verbal.

É assim acordada à interação verbal uma importância primordial (seja ela atual ou virtual) e a possibilidade que ela oferece de fazer significar o mundo e de chegar a um acordo ou de explorar uma dissensão, por meio do diálogo e do polilogos.

De modo similar, a ênfase é colocada sobre o dialogismo vertical, o que faz, conforme Bakhtin, que toda palavra seja uma resposta à palavra do outro, considerando que o enunciado novo não seja gerado e nem adquira sentido senão em uma circulação generalizada de discursos. Isto coloca-nos diante das noções de intersubjetividade (Benveniste), interdiscursividade (AD) e de discurso social (Angenot).

Também retoma a noção de *doxa* que está no centro do pensamento retórico, não como banalidade a condenar (o sentido moderno), mas como o conjunto de crenças, de opiniões e de representações que partilham os membros de um grupo em um dado momento.

É fundando-se sobre estas premissas comuns que os indivíduos podem trocar, discutir, negociar suas posições, polemizar. Desde modo, a *doxa* não é o espaço alienante das ideias recebidas que impede de pensar, mas o lugar comum no qual os homens encontram-se para negociar suas visões. Não se pode esquecer ainda que esta *doxa* (que não é necessariamente uma, em uma dada sociedade e pode diferenciar-se em correntes diversas) é feita de palavras e não pode existir fora de sua materialidade linguageira.

É sobre este fundo que se inscreve o ideal da argumentação retórica que permite ultrapassar os pesos deterministas promovendo um certo grau de agentividade: ela confere ao locutor o poder de agir sobre o real, influenciando sobre o outro, responsabilizando-o e encontrando no uso da palavra uma possibilidade de modificar seu estatuto (por exemplo, autorizando o que a língua inglesa denomina “empoderamento”).

Com efeito, em uma sociedade democrática é importante que as decisões possam ser tomadas em comum – é o que permite o *logos* como palavra e como razão, ou seja, a mu-

dança de argumentos. Esta vocação da retórica é levada adiante pelos trabalhos de Chaim Perelman, os quais centram-se sobre a importância de um discurso dirigido ao outro, o qual busca não a verdade, mas o razoável e o plausível. É importante também levar em conta o fato de que as dissensões podem ter um curso livre – considerando-se que os conflitos são inevitáveis na democracia – dentro de um conjunto vivo que designei como a coexistência no dissenso. Dentro deste quadro global o sujeito falante (locutor individual ou grupo) pode fazer uso da linguagem como *logos*, mas também como *pathos* e projetar uma imagem de si apropriada (o *ethos*) para intervir no espaço social e político.

É em torno de tais fundamentos que o meu trabalho dá relevo a uma teoria da argumentação no discurso que integra, dentro de um quadro coerente, duas disciplinas que à primeira vista pareceriam se excluir.

AV: No momento, qual pesquisa você está desenvolvendo ou qual tema você tem estudado?

RA: Nos últimos anos, trabalhei com a utilização retórica do que Alice Krieg-Planque chamou de “fórmula” e que se inscreve na linha de meus trabalhos anteriores sobre o clichê e o estereótipo. Em particular, analisei as modalidades de utilização, na mídia francesa, de uma fórmula vinda de Israel e retomada por seus defensores franceses e francófonos: “a deslegitimação de Israel”. Essa expressão fixa tem como objetivo fazer face aos ataques virulentos lançados contra o Estado Judeu em praça pública, denunciando o caráter sensacionalista e falso de tais manifestações – de certa forma, Israel se torna o “Judeu das nações”. A maneira como essa fórmula é colocada em circulação no discurso midiático evidencia a guerra de palavras que opõe os pró-israelitas aos pró-palestinos, no contexto de um país em que o conflito no Oriente Médio é objeto de um debate particularmente difícil. Esse estudo combina os instrumentos da AD e da argumentação retórica para mostrar a construção de um diálogo argumentativo que envolve a guerra de legitimidades, e a lógica que sustenta uma polêmica que os eventos no Oriente Médio continuam levantando.

Além disso, atualmente desenvolvo um estudo sobre a reparação da imagem das mulheres e homens da política; o discurso das eleições presidenciais, baseando-me em trabalhos realizados sobre o tema na área das ciências da comunicação (por William Benoit) e nas abordagens do *ethos*, do *ethos* prévio e do *ethos* coletivo, desenvolvidas na AD e na Argumentação Retórica.

Tradução: Maitê Dietze, Ana Zandwais.

Revisão: Patrícia Reuillard (UFRGS).

Traduções para Espanhol:

AMOSSY, R. La interacción argumentativa en el discurso literario. De la literatura de las ideas al relato de ficción. *Escritos*, La argumentación. Puebla: BUAP - (Benemerita Universidad Autónoma de Puebla), 1998, p. 249-289.

_____. ; PIERROT, A. *Esteriotipos y clichés*. Buenos Aires: Eudeba, Universidad de Buenos Aires, 2001. Trad. y adaptación: Lelia Gándara.

_____. Argumentación y análisis del discurso: perspectivas teóricas y recortes disciplinarios. *El discurso y sus espejos*. México: Universidad Nacional Autónoma de México, 2009, p. 67-97.

_____. Argumentación y Análisis del discurso perspectivas teóricas y límites disciplinares. Estudios y Análisis del Discurs, *Cuadernos de Lingüística*, n. 1, v. 3, 2009, p. 173-190.

_____. La indignación frente a la “stock-options” de la Societé Générale. Emoción y argumentació en el discurso polemico. *Version 24*, 2010, p. 17-40.

_____. Estereotipos e identidad. La construcción del ethos. En: LIE, N.; MANDOLES-SI, S.; VANDEBOSCH, D. (Éd). *El juego con los estereotipos*. La redefinición de la identidad hispánica en el cine y la literatura postnacionales. Bern/Berlin: Peter Lang, 2011, p. 27-44.

_____. Por una retórica del dissensus: las funciones de la polémica. En: MONTERO, A. (Comp. y Trad.). *El análisis del discurso polémico*. Disputas, querellas y controversias. Buenos Aires: Prometeo, 2016, p. 25-38.

Recebido em: 26/10/2017 Aceito em: 10/11/2017